



ALEXANDRE



AUGUSTO

LIDERANDO O FUTURO

Quem são os jovens que estão à frente da construção do futuro no Brasil? Os novos líderes consultados estão pouco envolvidos com a política clássica e com as ideias de revolução das gerações anteriores. Mas continuam cheios de ideais, vontade de trabalhar e promover a evolução da sociedade em pequenas revoluções ao seu redor.

Jovens lideranças, com perfil inspirador e desejo de fazer a diferença na sociedade, são o destaque desta edição da seção Gestão Responsável. Aqui apresentam suas motivações, os desafios da sociedade, o futuro que querem construir e como desempenham a liderança em suas áreas de atuação.



NATÁLIA



RODRIGO

“Existe uma crise, e ela é de liderança”. A citação que abre este artigo não pode ser datada e atribuída a alguém especificamente. Não nos últimos anos no Brasil, em que ela vem sendo dita por várias pessoas, entre os mais proeminentes nomes da política, das artes, do ambiente de negócios e da educação. E também está na boca de todos, nas ruas, nas escolas, nos espaços públicos e nos movimentos de cada camada da população.

O professor Anderson Sant’Anna, gerente do Núcleo de Desenvolvimento de Lideranças da Fundação Dom Cabral, afirma que é possível observar uma necessidade de renovação das lideranças nos quadros políticos e sociais. “Temos um grupo de líderes há algum tempo em destaque, que agora está se retirando de cena ou com a imagem desgastada. Resta um espaço vazio, que deve ser preenchido por uma geração que ainda está em

formação. Este é o momento da transição”, explica. A geração que viveu sua juventude nas décadas de 1960 e 1970 se posicionava de uma forma mais politizada, ideologicamente marcada por grandes transições nos sistemas econômicos e sociais. Era um tempo de luta por grandes revoluções, que correspondessem a grandes ideais. “O que observamos hoje, nos jovens, são lideranças em menor escala, promovendo uma revolução um pouco mais silenciosa, mais horizontal. Continuam sendo em larga escala na medida em que são ondas que reverberam por todo o planeta via redes sociais. No entanto, as causas estão mais diluídas, representando os desafios vividos no próprio entorno, na comunidade de atuação ou na tribo de seu interesse. Buscam desenvolver o ambiente mais próximo e familiar, com novas formas de consumo, diversão e interação. Definitivamente, são mais autocentrados.”

JOVENS LÍDERES DIVERSOS PARA DESAFIOS DIVERSOS

Quem são os jovens líderes que começam a despontar neste contexto? Em uma sociedade que tem suas atenções voltadas para assuntos, causas, ideias e ideais cada vez mais diversificados, existe ambiente para que jovens despontem nos mais variados campos. Para debater o tema da jovem liderança e seu papel (ou diversos papéis) na caminhada brasileira para o futuro, conversamos com quatro jovens que trilharam caminhos de sucesso e influenciam muitos outros a seguirem o mesmo rumo.

Alexandre Amorim, 25 anos, é um dos fundadores da ASID – Ação Social para a Igualdade das Diferenças, uma organização sem fins lucrativos que, desde 2010, trabalha para desenvolver uma gestão qualificada em escolas e centros de atendimento filantrópico para pessoas com deficiência. Começou a desenhar o projeto durante o trabalho de graduação no Curso de Administração. Ele conhecia de perto as dificuldades de famílias que têm uma ou mais pessoas com deficiência (sua irmã é portadora da Síndrome de Down), especialmente as de baixa renda, que dependem de vagas em instituições filantrópicas. Desde a fundação, a ASID já trabalhou com 75 instituições, em Santa Catarina e São Paulo, e recebeu prêmios que cancelam o trabalho de Alexandre e seus sócios, Diego Tutumi Moreira e Luiz Hamilton Ribas, como o Prêmio Empreendedor Social da Folha de São Paulo, que proporcionou o ingresso deles no Programa Dignidade da FDC, na turma de São Paulo, e o Jovens Inspiradores 2014, do Grupo Abril e Chivas.

Augusto Júnior, 26 anos, saiu do Ceará, onde era um Jovem Aprendiz e descobriu a vocação para dar palestras, e chegou a Sorocaba, São Paulo, pensando em trabalhar com jovens universitários. Da época em que dava palestras, trouxe um aprendizado que o marcaria: o potencial dos jovens brasileiros deveria ser trabalhado em rede, conectando pessoas e suas ideias. Para isso, criou o projeto Universitários Acima da Média, com o objetivo de inspirar e desenvolver universitários. Em 2013, recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Dom Cabral e cursou o Programa Liderando Amanhã. Com apenas três anos, o projeto já impactou mais de 10.000 estudantes em 18 estados brasilei-

ros. Hoje, Augusto é líder de desenvolvimento da Comunidade Virtvs, que promove o desenvolvimento de jovens empreendedores em programas de mentoria, e coordenador de Marketing do Mural do *Coach*, uma empresa de educação que abriga uma rede de *coaches* profissionais que formula treinamentos, workshops e programas de estágios e valorização de jovens dentro de empresas. O próximo desafio da sua carreira é o lançamento do livro “O que a juventude pode fazer por nossa nação?”, previsto para o final deste ano.

Natália Menhem, 30 anos, começou o trabalho voluntário com apenas 13 anos de idade, influenciada pelos pais, que sempre tiveram engajamento em causas sociais e ambientais. Formou-se em Ciências Sociais porque buscava formas de modificar a sociedade, especialmente com relação à desigualdade social. Fez pós-graduação na Universidade de Bologna, na Itália, e quando voltou, começou a trabalhar com licenciamento ambiental e os impactos sociais nas famílias atingidas pelos empreendimentos. Mas ainda não tinha encontrado o seu lugar de atuação. Deixou o emprego e buscou o auxílio da FDC, por meio do Programa Dignidade, para empreender um negócio social. Foi quando nasceu a consultoria Sustenta Projetos Socioeconômicos. Desde então, trabalhou com formação de grupos cívicos, fortalecimento de ONGs, idealização e organização de movimentos como o TEDx Belo Horizonte (foi nomeada embaixadora regional TEDx, para fomentar a comunidade no Brasil) e Virada da Educação em São Paulo.

Rodrigo Oliveira, 29 anos, cursava direito na UFMG e tinha 18 anos quando iniciou a carreira na Câmara Americana, como *trainee* comercial. Ficou ali durante alguns anos, até que resolveu abrir a própria empresa. Começou a empreender com uma empresa de consultoria para a Câmara de Comércio em Minas. Logo, o embaixador de Moçambique lhe ofereceu uma sociedade e um cargo de diretoria, ao fundarem a Câmara de Comércio Brasil-Moçambique, e Rodrigo se tornou a principal referência nas relações comerciais com o país africano. Foi então chamado para ser o vice-presidente do Comitê de Jovens Executivos da Amcham em Minas e passou a ter relacionamento com outras lideranças no Fórum Mineiro de Jovens

EM UMA SOCIEDADE QUE TEM SUAS ATENÇÕES VOLTADAS PARA ASSUNTOS CADA VEZ MAIS DIVERSIFICADOS, EXISTE AMBIENTE PARA QUE JOVENS DESPONTEM NOS MAIS VARIADOS CAMPOS

Lideranças. Mais tarde, foi convidado para a diretoria da ACMinas Jovem e acabou se tornando seu presidente, cargo que deixou em setembro deste ano, para fazer um MBA, na Escócia, a convite de autoridades do Reino Unido que concedem bolsas a jovens lideranças em países com os quais querem estreitar relações comerciais.

Em entrevistas individuais, Alexandre, Augusto, Natália e Rodrigo falaram sobre liderança, motivação, os desafios da sociedade e o futuro que os jovens estão querendo construir. Mostraram um pouco de como pensam e agem aqueles que estão se formando, trabalhando e influenciando o grande contingente de pessoas na faixa entre 15 e 35 anos de idade: 50 milhões de brasileiros, aproximadamente $\frac{1}{4}$ da população.

O DNA DA LIDERANÇA Ninguém nasce líder. A afirmativa, unânime entre os quatro jovens, é a confirmação de que, apesar de enxergarem algumas características de liderança em sua personalidade, a maior parte do reconhecimento e do poder de influência que hoje possuem é fruto do ambiente em que foram criados, das escolhas feitas durante os anos de formação – e ainda hoje – e do contexto em que se encontram. Natália revela que o exemplo veio de dentro de casa: “Eu sempre convivi com pessoas que adoravam trabalhar pelo próximo e que tinham um compromisso maior do que apenas o crescimento individual.” Seu pai é empresário e fundou uma das primeiras ONGs de meio ambiente em Minas Gerais. A mãe é professora da rede pública de ensino. Alexandre também trouxe bagagem de casa, observando as dificuldades e os cuidados intensos com a irmã. Mas acredita que existe um processo, um caminho de aprendizado,



UM GRANDE FATOR DESSA NOVA GERAÇÃO SÃO AS COMPETÊNCIAS DE TERCEIRA DIMENSÃO – MAIS COMUNICACIONAIS, RELACIONAIS, SOCIAIS

em que cada dia conta como um desafio novo, uma experiência nova.

Rodrigo conta que não enxerga, na criança que ele foi, um líder nato. Mas quando escolheu participar de entidades jovens e projetos, acabou encontrando o líder que existia em si, pois conheceu diversas pessoas que pensavam como ele, e aprendeu a conectar todos para realizar um trabalho em rede. Descobriu que ser líder era saber criar pontes entre pessoas. Já Augusto conta a história de quando ele criou, aos 20 anos, uma palestra motivacional sobre as “10 atitudes dos campeões” e começou a procurar escolas que quisessem recebê-lo como palestrante. Assim, encontrou a veia para a motivação de jovens e desenvolveu um conceito no qual trabalha seus projetos: “o Brasil precisa de líderes e não de super-heróis. A diferença é que o herói nasce feito, ou alguém o cria assim, e o líder se forma no dia a dia, a partir das vivências e experiências.”

O professor Anderson Sant’Anna corrobora o conceito dos jovens de que ninguém nasceu líder, e que também não há como ensinar e aprender a liderança. “Na verdade, você apreende a liderança. Ela tem que ser vivida, tem que ser experimentada. Ela está na inter-relação entre as pessoas, no dia a dia. Aproveitando cada oportunidade, estabelecendo relações, podendo influenciar e ser influenciado. Ser influenciado principalmente a querer levar mudança para os seus ambientes. A liderança pode ser estimulada, pode ser guiada assim.”

MOTIVAÇÃO O que buscavam e buscam esses jovens? O que os motivou no princípio e continua mantendo-os no caminho? Alguns começaram por razões mais práticas, outros são mais idealistas, mas todos acreditam que seja a vontade

de construir um Brasil melhor. Quando Alexandre entendeu a realidade das milhares de famílias brasileiras que, diferentemente da sua própria, dependem de vagas nas instituições filantrópicas para pessoas com deficiência, decidiu arregaçar as mangas e deixar sua zona de conforto para fazer algo que melhorasse esse cenário. Natália também segue essa linha de raciocínio, embora seja mais idealista ao elaborar as razões da sua motivação e do seu trabalho: “acredito que ninguém existe para viver em condições piores que outras pessoas e que a sociedade só vai de fato passar para outro patamar de desenvolvimento se for feita para todos e para cada um. A nossa sociedade precisa ser inclusiva e diversa para ser rica, no sentido da colaboração, do florescimento de potenciais e da utilização de conhecimentos já existentes.”

Tanto Rodrigo quanto Augusto acreditam na educação e na capacitação como fator de engrandecimento do Brasil e creditam sua motivação a isso. “Nunca trabalhei só pelo dinheiro, sempre achei que eu precisava trabalhar em coisas relevantes para a sociedade, para alterar o status quo. Sou um apaixonado pelo Brasil. E minha maior militância para melhorar o país é na área de educação, que julgo ser a principal veia para dar uma condição melhor de oportunidades para modificar a sociedade”, revela Rodrigo.

AGENTES DE MUDANÇA “Somos todos agentes de mudança da realidade ao nosso redor (individual e coletiva). Muito mais do que imaginamos. O que acontece é que quando sentimos que não somos tão agentes de mudança assim, que nossa simples atuação não vai mudar nada, acabamos reproduzindo uma sociedade de pessoas apáticas, pois não acham que precisam agir”, argumenta Natália, continuando o raciocínio sobre o que a motiva, o que a leva a trabalhar todos os dias. Anderson Sant’Anna explica que a atual geração não tem mais tanto a perspectiva de revolucionar o sistema e todo o mundo. Mas está longe de ser apática: “o engajamento real é nas causas mais próximas, e não mais na perspectiva de transformar o mundo. Os valores são diferentes, em relação ao trabalho, ao consumo, ao prazer, à preservação dos limites do planeta. As transformações que ela promove vêm da crença na própria transformação, e na da comunidade ao seu redor ou ao redor de seus interesses.”

Desenvolvimento de Lideranças – *Common Purpose Student Experiences*

O aprendizado da liderança pode ser ampliado de acordo com as experiências, a leitura de contexto, a compreensão da realidade e das questões da sociedade, as oportunidades e a formação de redes de jovens, vindos dos mais diversos locais, com habilidades e histórias de vida diferentes. Esse é um dos propósitos da Common Purpose, uma organização social sem fins lucrativos, fundada em 1989, na Inglaterra, para o desenvolvimento de lideranças que possam atuar na construção do futuro com compromisso e responsabilidade, inovação e alcance.

O programa Student Experiences oferece a estudantes universitários de diversos países a oportunidade de aprenderem sobre inovação, empreendedorismo social, como as cidades trabalham, as comunidades prosperam e os líderes atuam. O curso desenvolve as habilidades do participante como líder, expande as redes de contato dentro e fora do país, traz soluções inovadoras para problemas complexos, promove a “inteligência cultural” (habilidade de romper barreiras e se relacionar com pessoas de diferentes culturas) e testa a capacidade de liderança diante dos desafios da vida real.

Para Vanderlei Soela, gerente da parceria Common Purpose/FDC, “a iniciativa proporciona aos jovens universitários a oportunidade de alargar a visão de mundo e de gestão, em espírito de colaboração e partilha; para as universidades, a possibilidade de promoverem o intercâmbio de habilidades e conhecimentos, fomentando a criatividade; para a cidade, o compartilhar de ideias novas e alvissareiras de jovens desejosos de construir uma sociedade mais inclusiva e elegante para todos. A grande experiência é os jovens poderem olhar o futuro, imersos no presente”.

A Common Purpose oferece cursos em mais de 100 países, em seis continentes. O programa Student Experiences é realizado em várias universidades na Europa, Ásia e América. No Brasil, está sendo ministrado em parceria com a Fundação Dom Cabral, integrando o seu portfólio de projetos sociais, com mais de 200 jovens contemplados nas duas primeiras edições.

Alexandre acredita que a juventude atualmente tem ideais mais altruístas. “Muitas pessoas que faziam mais dinheiro em outros empregos largaram e vieram para cá (trabalhar na ASID) para ganhar menos, mas porque gostariam de um trabalho que tivesse algum significado, que fosse importante para o mundo, para a sociedade e para elas mesmas. Algo que gere um impacto.” E reflete: “os novos conceitos de liderança estão muito mais ligados a criar significados, buscar ser útil ao meio. As empresas também não estão mais naquela de só crescer e gerar mais dividendos – existe também uma busca de significado. A liderança atual é a que está à frente disso.”

NOVOS LÍDERES X LÍDERES CLÁSSICOS Sant’Anna destaca o que vêm dizendo muitos dos autores do

tema liderança: “um grande fator dessa nova geração são as competências de terceira dimensão – mais comunicacionais, relacionais, sociais. São elas que dão atenção à leitura de ambiente e aos sinais de transformação, que procuram entender o contexto. Serão fatores de diferenciação. Precisamos hoje menos do perfil de gerente e mais do perfil de líder, menos do simples acompanhar processos, gerir demandas e recursos, e mais da atenção às pessoas, à subjetividade, às emoções, ao contexto, às transformações, à visão sistêmica e de longo prazo.”

Natália reflete que “todas as épocas têm seus líderes irreverentes e seus líderes tradicionais. Há líderes de outra geração com um pensamento extremamente fresco e lúcido sobre o que precisamos mudar para sermos uma sociedade justa e

LIDERANÇA



TODOS ACREDITAM MUITO NO BRASIL E COLOCAM NA CONTA DA JUVENTUDE A ESPERANÇA DE CONSTRUÇÃO DE UM PAÍS MELHOR

digna. Penso que eles devem ter sofrido bastante em suas épocas, pois os líderes de hoje que têm esse mesmo pensamento ainda sofrem ao encarar uma sociedade de pessoas agressivamente temerosas às mudanças e descrentes da gentileza. A capacidade de se reinventar e de se conectar com um bem comum é o que faz os bons líderes serem atuais, sempre”. A socióloga analisa o fato de que hoje temos conhecimento e ferramentas suficientes para construirmos outra sociedade, enquanto líderes de outras gerações não tiveram o privilégio de se comunicarem com tanta agilidade, com quem desejassem, em qualquer parte do planeta. Uma questão que foi contemplada também por Augusto: “a nossa geração é beneficiada por ter fácil acesso a movimentos e exemplos de todo o mundo, através do YouTube, das redes sociais. Isso tudo nos ajudou a ter mais exemplos, mais contexto, mais leitura de mundo, mais perspectivas, uma rede maior para nos conectarmos.”

O OUTRO LADO DA MOEDA “A geração millenium tem muita pressa, são muito ansiosos, esperam um crescimento rápido, não se preocupam tanto com a maturação, que é um caminho a ser percorrido durante toda a vida, perdem o interesse rapidamente”, analisa Anderson Sant’Anna. Rodrigo, que está mais focado na liderança empresarial, concorda: “a nova geração tem ficado muito pouco tempo em cada emprego, focada no sucesso imediato ao invés de focar na evolução de longo prazo na carreira. Temos propagado muito o sucesso vertiginoso de poucos e deixado subentendido que os outros são fracassados.” A busca pelo sucesso é, de certa forma, frenética para alguns, enquanto aqueles que não conseguiram resultados imediatos estão numa eterna busca e constante insatisfação,

sem dar tempo para o amadurecimento da formação e das oportunidades, ou procrastinando, por sentirem que já não é mais possível alcançar nada. “Sinto que a juventude hoje quer se comprometer com realizações de forma mais imediata. Há uma urgência coletiva. Mais uma vez, a questão é o que faremos com essa urgência. O que não é de todo ruim, pois ela movimenta, tira da zona de conforto. Mas pode ser nociva quando coloca símbolos de realização na frente da escuta e da reflexão”, acrescenta Natália.

Outro ponto de preocupação expressado por alguns dos entrevistados foi um sentimento forte de descrença no Brasil, especialmente no campo político. Não existem tantos jovens líderes na política quanto gostariam, que representassem vias alternativas aos mesmos grupos que estão há décadas no poder. Os jovens em destaque estão se concentrando no campo empresarial, na cultura e nas artes, nos movimentos sociais e urbanos. Mas poucos deles representam uma real chance de renovação dos quadros políticos.

São pessimistas, então, em relação ao futuro, especialmente político, do país? Não. Pelo contrário, todos acreditam muito no Brasil e colocam na conta da juventude a esperança de construção de um país melhor.

CONSTRUÇÃO DE FUTURO “Para construirmos uma sociedade justa e diversa, temos muitos passos para dar, e poucas pernas não serão suficientes. Cada um pode contribuir se colocando em sintonia com o território em que se encontra e dedicar um pouco de seu tempo para conhecê-lo melhor, para se relacionar com as pessoas ao redor, para entender os problemas ali enfrentados, e então buscar referências externas, pessoas que já fazem algo ou já disseram algo a respeito, ou mesmo construir soluções novas a partir do que está disponível ali”, acredita Natália.

Alexandre coloca na base de qualquer mudança o ser humano. Ele deseja uma sociedade mais altruísta, em que as pessoas deixem de estar focadas somente em si e passem a focar no outro e no todo. Rodrigo pensa que tudo isso virá junto com uma melhor formação do cidadão. Por isso, a chave é a educação, a partir de um projeto revolucionário de transformação do sistema educacional do país. Todo o resto é consequência. “A gente chega

lá. Sou um otimista. Mas não acredito no curto e médio prazo. Teremos um país mais interessante em cerca de 30 anos, mas precisamos fazer reformas estruturais e temos o momento ideal para isso.” Augusto concorda que a educação está em primeiro lugar na aspiração de construir um futuro melhor. Mas acrescenta que os jovens deveriam se preocupar com a gestão pública – um fator essencial para alcançar as mudanças necessárias – e o empreendedorismo social, como forma de desenvolver a sociedade e dar sustentação a todas as demais pautas.

INSPIRAÇÃO “Quem te inspira?”, foi a última pergunta feita aos jovens entrevistados. O professor Anderson Sant’Anna acredita que é cada vez mais necessário pensar nesse ciclo para a formação de lideranças: inspirar pessoas a inspirar outras pessoas. Alexandre buscou na religião a figura de São Francisco de Assis, que mobilizou pessoas por uma causa altruísta e solidária. Rodrigo foi sucinto e enfático: “Jorge Paulo Lemann – por sua vida de empreendedorismo e a dedicação e apoio à educação.” Natália citou nomes nas áreas de educação e inclusão, como Macaé Evaristo, atual Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais, e Anna Penido, diretora do Instituto Inspirare. Augusto falou de empreendedores como Ozires Silva, Fábio Barbosa e Viviane Senna. E ainda comentou sobre o que, para ele, é um líder-semente: pessoas que não estão na mídia, mas construíram uma obra robusta que formou e inspirou diversas outras pessoas, como Casemiro Montenegro, fundador do ITA, e Emerson de Almeida, fundador da Fundação Dom Cabral.

COLABORARAM COM ESTA MATÉRIA

LUÍSA RENNÓ Comunicóloga e redatora, responsável pela condução das entrevistas e edição do conteúdo.

ANDERSON SANT’ANNA Gerente do Núcleo de Desenvolvimento de Lideranças da Fundação Dom Cabral.

IZABELA MELLO Especialista em Sustentabilidade e Inclusão Social da Fundação Dom Cabral.

NÁDIA RAMPI Gerente Executiva da Secretaria Geral e Projetos Sociais da Fundação Dom Cabral.

VANDERLEI SOELA Gerente da Parceria Common Purpose/Fundação Dom Cabral.